

## Aspectos do latim vulgar

Roberto Arruda de OLIVEIRA<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir do latim arcaico, evidenciamos alguns aspectos distintivos entre o latim clássico e o latim vulgar. Conceituamos ainda, com textos exemplificativos, as principais fontes do latim vulgar, como as *defixionum tabellæ*, os *Graffiti*, a *Cena Trimalchionis*, a *Peregrinatio ad Loca Sancta*, as *Glosas de Reichenau* e o *Appendix Probi*.

**Palavras-chave:** Latim vulgar; Latim arcaico, *Appendix Probi*.

**Resumé:** Ayant le latin archaïque comme point de départ, nous mettons en évidence quelques traits distinctifs entre le latin classique et le latin vulgaire. Nous avons identifié, avec des textes exemplificatifs, les principales sources du latin vulgaire, comme les *defixionum tabellæ*, les *Graffiti*, la *Cena Trimalchionis*, la *Peregrinatio ad Loca Sancta*, les *Gloses de Reichenau* et le *Appendix Probi*.

**Mots-clés:** Latin vulgaire; Latin archaïque; *Appendix Probi*.

O latim era falado na pequena região do Lácio, e, levado pelas legiões romanas, suplantou todos os outros dialetos bárbaros: pouquíssimos são os documentos neste período. Resumem-se a simples inscrições lapidares referentes aos séculos VII e VI a.C.: a fíbula<sup>2</sup> prenestina, a pedra negra<sup>3</sup> (*lapis niger*) e uma inscrição numa taça. Na fíbula estão escritas estas palavras: *MANIOS MED FHEFHAKED NVMASIOI*<sup>4</sup>; na taça, por sua vez: *FOIED VINO PIPAFO CRA CAREFO*<sup>5</sup>. De início bastante homogêneo, este latim arcaico ramifica-se em duas modalidades. Com a conquista da Magna Grécia, no séc. III a.C., uma nova modalidade de latim começa a surgir. A partir do latim falado até então em Roma e do conseqüente contato com a língua grega, surge uma língua literária, mais estilizada, formal e gramatical, o **latim clássico** (*sermo classicus* ou *litterarius*), usada a nível literário. A língua, até então falada, continua se modificando e se transforma no que denominamos **latim vulgar** (*sermo uulgaris, cotidianus, rusticus* ou *plebeius*), o falar cotidiano, no qual há uma diferença de uso entre a classe urbana e a camponesa.

Cícero, numa de suas cartas a seu amigo Paeto, fala-nos dessas duas modalidades de língua existentes em Roma:

1 Doutor em língua e literatura latinas pela UFRJ. Atualmente professor da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE. Correio eletrônico: robertoarruda@ufc.br.

2 Broche de ouro encontrado num túmulo de Preneste, perto de Roma.

3 Pedra descoberta no Foro com inscrições de significado desconhecido.

4 Que seria o mesmo que *MANIOS MIHI FECIT NUMASIO*.

5 Que seria o mesmo que *HODIE VINVM BIBAM, CRAS CAREBO*.

*Quid tibi ego uideor in epistulis? Nonne plebeio sermone agere tecum? ...Causas agimus subtilius, ornatus; epistulas uero cotidianis uerbis texere solemus.*

Que tal me achas nas cartas? Parece que uso contigo a língua do povo, não é? Nos discursos aprimoro mais; nas cartas, porém, teço as frases com palavras do dia a dia.

É claro que Cícero não alude no texto ao latim da grande massa da população: referia-se, certamente, ao latim usado nas conversas por pessoas cultas. Percebemos aqui que os autores latinos tendiam a rejeitar o falar do vulgo, por isso na literatura latina não encontramos facilmente manifestações da vida popular. Não é, portanto, em suas obras que iremos encontrar o *sermo uulgaris*. No entanto, não queremos afirmar com isso que suas obras estejam completamente destituídas de palavras ou expressões do povo: tanto o *sermo urbanus* não estava completamente livre de vulgarismos, como o *uulgaris* de palavras da língua culta:



O latim clássico nada mais é que o latim arcaico aprimorado e deste se distinguia em alguns sons e formas, como atesta Varrão em seu *De Língua Latina* (VII, 27): *In multis uerbis, in quo antiqui dicebant s, postea dicuntur r*. E cita os seguintes exemplos:

- fœdesum > fœderum;
- plusima > plurima;
- meliosem > meliorem;
- asenam > arenam.

Além desses exemplos de Varrão, percebemos ainda mais esta evolução do latim arcaico nos seguintes exemplos:

- degnos > dignus;
- legnom > lignum;
- solidus > stultus;
- oinus > unus;
- uolgus > uulgus;
- uolpes > uulpes, etc.

Analisando o decreto de Emílio Paulo, general romano que venceu os lusitanos, verificamos que o latim das inscrições é muito mais antigo que o das peças de Plauto, ainda que datem da mesma época.

Há algumas diferenças fonéticas:

- oinuorsei por uniuersi;
- arfuisse por adfuisse;
- ceieis por ciuis.

O mesmo ocorre com as flexões:

- nominus (gen.) por nominis;
- senatuos por senatus.

Há casos de ablativo terminados por -d:

- poplicod;
- preiuatod;
- oquoltod, etc.

Do mesmo modo, alguns advérbios terminam por -d:

- facilumed

Ainda que Plauto e Ênio sejam autores do primeiro período da literatura latina, é ainda frequente a recorrência a arcaísmos:

illic por ille

illæc por illa

istic por iste

istæc por ista

som por eum

sam por eam

sos por eos

sas por eas

Apesar de terem sido de início uma só língua, o latim clássico e vulgar possuíam diferenças bem nítidas, as quais comprovam que o

latim vulgar não desapareceu, mas simplesmente se transformou ao longo do tempo.

As pouquíssimas fontes do latim vulgar estão também presentes nas obras dos comediógrafos (quando apresentam diálogos de pessoas do povo), em alguns gramáticos (na correção das formas errôneas usuais), nas inscrições de pessoas da plebe, nos cochilos dos copistas, pelos erros dos próprios escritores cultos. As mais conhecidas são as inscrições, o *De Architectura* de Vitrúvio (séc. I d.C.), a *Cena Trimalchionis* de Petrônio (séc. I d.C.), a *Peregrinatio ad Loca Sancta* da monja hispânica Egéria (ou Etéria), as *Glosas*, o *Appendix Probi* e o Método Comparativo (ao qual fizemos anteriormente referência).

As inscrições de maior interesse aos romanistas são as escritas por humildes artistas plebeus. Deixaram retratar fielmente a própria linguagem no que conhecemos como tabuinhas execratórias (*defixionum tabellæ*) encontradas em tumbas, poços e lugares onde se acreditava pudessem ser vistos por entidades, muitas vezes maléficas. Reunidas no *Corpus Inscriptionum Latinarum*<sup>6</sup> (CIL), constituem-se quase sempre em pequenas tábuas de chumbo, bronze, estanho, mármore ou terracota, nas quais se escreviam certas fórmulas mágicas de encantamento ou de maldição, pois, dizia-se entre o vulgo, podiam produzir os desejados efeitos contra as pessoas a quem eram dirigidas: rivais no amor, ladrões, adversários em demandas judiciais, competidores dos gladiadores preferidos, etc.

*DII IFERI VOBIS COMEDO SI QUICUA SACTITATES HBETES  
AC TADRO [...] TICENE CARISI QUODQUID ACAT QUOD  
ICIDAT OMNIA IN ADVERSA. DII IFERI VOBIS COMEDO  
ILLIUS MEMBRA, COLORE, FIGURA, CAPUT, CAPILLA, UMBRA,  
CEREBRU, FRUTE, SUPERCILIA, OS, NASU, METU, BUCAS,  
LABRA, VERBU, IOCUR, UMEROS, COR, FULMONES, ITESTINA,  
VETRE, BRACIA, DICITOS, MANUS, UBLICU, VISICA, FEMENA,  
CENUA, CRURA, TALOS, PLANTA, TICIDOS.*

Deuses do outro mundo, conto com vocês, se algo de sagrado tendes, Ticene de Carísio, o que quer que faça que, para ele, dê tudo errado. Deuses do outro mundo, a vocês entrego as partes do corpo dele, a cor do rosto, a cara, a cabeça, os cabelos, a sombra, o cérebro, a testa, as sobrancelhas, a boca, o nariz, o queixo, as bochechas, os lábios, a fala, o fígado, os ombros, o coração, os pulmões, os intestinos, o ventre, os braços, os dedos, as mãos, o umbigo, a bexiga, as coxas, os joelhos, as pernas, os calcanhares, a planta dos pés, os (dedos?).

<sup>6</sup> Em 16 vols, Berlim, 1863-1943.

*TE ROGO QUE INFERNALES<sup>7</sup> PARTES TENES, COMMENDO TIBI IULIA<sup>8</sup> FAUSTILLA<sup>9</sup>, MARI FILIA<sup>10</sup>, UT EAM CELERIUS ABDUCAS ET IBI IN NUMERUM TU ABIAS<sup>11, 12</sup>.*

A ti, que dominas as regiões infernais, peço e encomendo Júlia Faustila, filha de Mário, para que a leves mais rapidamente conserves aí no número (dos mortos).

*D. M.<sup>13</sup> VALERIUS TAURUS MILES CORTIS<sup>14</sup> VII PRETORIE<sup>15</sup>, CENTURIO EVOCATUS, QUI VISIT<sup>16</sup> ANNIS XXXXVII. REMISIT FILIOS DUOS GEMNOS<sup>17</sup> PISINUS<sup>18</sup> ANUCUS<sup>19</sup> ET MESERO<sup>20</sup> VIII. CONPARE<sup>21</sup> SUA VISIT BENE. NATIONATU<sup>22</sup> PANONIUS, UXSOR<sup>23</sup> FECIT BENE MERENT<sup>24</sup>.*

Aos deuses manes. Valério Tauro, soldado da sétima coorte pretoriana, elevado a centurião, que viveu quarenta e sete anos, e deixou dois filhos gêmeos, crianças de um ano e oito meses. Viveu bem com sua companheira. Era natural da Panônia. A esposa fez-lhe merecidamente (este epitáfio).

Outras inscrições de grande interesse aos romanistas são os *graffiti* de Pompéia, soterrada pelo Vesúvio em 79 d.C. As cinzas vulcânicas conseguiram manter intactas as informações parietais, rabiscadas a carvão, sobre a vida de seus habitantes: frases de propaganda, anúncios de espetáculos circenses, máximas, ditos obscenos, declarações amorosas a gladiadores, etc.

*Quisquis ama<sup>25</sup> ualia, peria<sup>26</sup> qui noscit amare.<sup>27</sup>*  
Viva quem ama, morra quem não sabe amar.

---

7 *Inferos*.

8 *Iuliam*.

9 *Faustillam*.

10 *Filiam*.

11 *Habeas* (subtende-se *defunctorum*).

12 Esta inscrição execratória encontrada em Cartago data do séc. II d.C.

13 *Diis manibus*.

14 *Cohortis*.

15 *Prætoriae*.

16 *Vixit*.

17 *Geminos*.

18 *Pisinnos* (*pusillos*).

19 *Annuculos*.

20 *Mensum*.

21 *Compare*.

22 Junção de *natione* com *natu*.

23 *Uxsor* (hiperurbanismo).

24 *Merenti*.

25 Percebemos aqui a queda da desinência *-t* na terceira pessoa do singular.

26 Evolução do hiato *-ea* para *-ia*.

27 Em latim clássico teríamos: *QVISQVIS AMAT VALEAT, PEREAT QVI NESCIAT AMARE*.

Datado do século I d.C., a *Cena Trimalchionis*, um dos livros do romance *Satyricon* de Petrónio, constitui-se num suntuoso banquete no qual o personagem Trimalquião, um novo-rico, recorre ao uso de formas hipercorrigidas (hiperurbanismo) na tentativa de fugir à vulgaridade e a formas vulgares (barbarismos):

- caldus por calidus;
- intestinas por intestina;
- balneus por balneum;
- pauperorum por pauperum;
- bovis por bos;
- lactem por lac;
- amplexo por amplexor;
- plovebat por pluebat, etc.

Na *Peregrinatio ad Loca Sancta*, a monja Egéria, natural da Península Ibérica, narra sua visita à Terra Santa. Escrita provavelmente entre os anos 381 d.C. a 388 d.C., revela o pouco grau de instrução da monja:

*In eo ergo loco est nunc ecclesia non grandis<sup>28</sup>, quoniam et ipse<sup>29</sup> locus, id est summitas montis, non satis grandis est; quae tamen ecclesia habet de se gratiam grandem. Cum ergo, iubente Deo, persubissemus in ipsa summitate<sup>30</sup>, et pervenissemus ad hostium ipsius ecclesiae, ecce et occurrit presbyter veniens de monasterio suo, qui ipsi ecclesiae deputabatur, senex integer et monachus a prima vita, et ut hic dicunt ascitis, et quid plura? qualis dignus est esse in eo loco. [...]*

*Vallis autem ipsa ingens est vallis, iacens subter latus montis Dei, quae habet forsitan, quantum potuimus videntes aestimare aut ipsi dicebant in longo milia passuum forsitan sedecim, in lato quattuor milia esse appellabant. Ipsam ergo vallem nos traversare habebamus<sup>31</sup>, ut possimus montem ingredi [...] Haec est altem vallis in qua factus est vitulus, qui locus usque in hodie ostenditur; nam lapis grandis ibi stat in ipso loco. Haec ergo vallis ipsa est, in cuius capite ille locus est, ubi sanctus Moyses cum pasceret pecora soceri sui iterum locutus est ei Deus de rubo in igne.*

Nesse lugar há, pois, agora uma igreja tão grande, porque também o mesmo lugar, isto é, o cimo do monte não é muito grande; a mesma igreja, contudo, tem por si grande nome.

28 Observe a preferência dada ao adjetivo *grandis*.

29 Note-se o emprego repetitivo do demonstrativo *ipse* com valor de artigo.

30 O latim vulgar se vale de *in* mais ablativo com os verbos de movimento.

31 Recorrência ao infinitivo de um verbo mais o presente do indicativo de *habeo* para formar o futuro do pretérito.

Como, pois, ordenando Deus, subíssemos a esse cimo e chegássemos à porta da Igreja, eis que corre ao nosso encontro um presbítero vindo do seu mosteiro, que estava à testa da mesma Igreja, velho virtuoso e monge desde cedo, como aqui dizem *ascitas*, e que mais? o qual é digno de estar nesse lugar. [...]

Mas esse vale é um grande vale, que se estende sob o flanco do monte de Deus, que tem talvez pelo que pudemos julgar olhando, ou eles mesmos<sup>32</sup> diziam, talvez dezesseis mil passos de comprimento; em largura, mencionavam ser quatro mil. Tínhamos pois que atravessar esse vale para que pudéssemos começar a subida ao monte [...] Ora, este é o vale em que foi feito o bezerro [de ouro], o qual lugar é mostrado até hoje, com efeito uma grande lápide está nesse lugar. Esse vale é pois aquele vale, em cujo topo fica aquele lugar onde São Moisés, enquanto apascentava o rebanho de seu sogro, Deus falou a ele pela segunda vez do interior de uma sarça em fogo.

Feitas com o objetivo de facilitar a leitura dos autores latinos, as *Glosas* se mostram um excelente meio de conhecimento da lexicografia latina. As palavras desconhecidas estão aí ao lado das correspondentes semânticas mais conhecidas, tomadas às vezes à língua viva da época. Encontram-se reunidas nos *Corpus Grossariorum Latinarum* de G. Loewe e G. Goetz (Lepizig, 1889-1923) e no *Glossaria Latina*, publicado por W. M. Lindsay (Londres, 1926-1931). Uma das obras mais importantes para o estudo das línguas românicas são as *Glosas de Reichenau* (séc. VIII d.C.), manuscritos da abadia de Reichenau, no noroeste da Gália. Consta de duas partes: a primeira um glossário da Bíblia e a outra um glossário alfabético. Estabelece o autor uma comparação entre o latim escrito e estado linguística anterior ao francês:

- anus ~ vetulæ; ⇒ cf: fr. *vieillard*, pt. *velha*, esp. *vieja*, it. *vecchia*;
- canere ~ cantare ⇒ cf.: fr. *chanter*, pt. e esp. *cantar*, it. *cantare*;
- dare ~ donare ⇒ cf.: fr. *donner*, pt. e esp. *dar*, it. *dare*;
- forum ~ mercatum; ⇒ cf: fr. *marché*, pt. *mercado*, esp. *mercado*, it. *mercato*;
- femur ~ coxa ⇒ cf.: pt. *coxa*, it. *coscia*;
- hiems ~ ibernus ⇒ cf.: fr. *hiver*, pt. *inverno*, esp. *invierno*, it. *inverno*;
- iecore ~ ficato ⇒ cf.: fr. *foie*, pt. *fígado*, esp. *hígato*, it. *fegato*;

32 Uma referência talvez aos moradores.

- ita ~ sic ⇨ cf.: pt. *sim*, esp. *sí*, it. *si*;
- mares ~ masculi ⇨ cf.: fr. *male*, pt. e esp. *macho*, it. *maschio*;
- pulchra ~ bella ⇨ cf.: fr. *belle*, pt. *belá*; esp. e it. *bella*;
- regere ~ guvernare ⇨ cf.: fr. *gouverner*, pt. *governar*; esp. *governar*, it. *governare*;
- rupem ~ petra ⇨ cf.: fr.  *pierre*, pt. *pedra*, esp. *piedra*, it. *pietra*;
- uulnera ~ plaga ⇨ cf.: fr. *plaie*, pt. *chaga*; esp. *llaga*, it. *piaga*;
- semel ~ una vice, ⇨ cf.: pt. *uma vez*; esp. *una vez*;
- etc.

De autor anônimo, pois foi encontrada apenas à gramática de Probo do século III d.C., o *Appendix Probi* constitui-se numa relação de mais de 227 “erros” e suas respectivas correções, por isso se detém somente no aspecto fonético e morfológico do discurso popular:

- vetulus non veclus ⇨ O pt. velho vem de *vetlu* através de *veclu* (cl > lh);
- speculum non speclum;
- calida non calda;
- oculus non oclus;
- pauper mulier non paupera mulier ⇨ Confusão entre os adjetivos de 1ª e 2ª classe; confira: it. *povero* , *povera*;
- ansa non asa;
- auris non oricla ⇨ Uso do diminutivo pelo positivo; monotongação de *-au*; queda da postônica, pois *oricla* pressupõe *oricula*; confira: pt. *orelha*, o esp. *oreja*, o fr. *oreille*, o it. *orecchia*, o rom. *ureche*;
- nurus non nura ⇨ Feminino da 4ª transformado em fem. da 1ª; confira: pt. *nora*, esp. *nuera*, it. *nuora*;
- vobiscum non voscum;
- nobiscum non noscum ⇨ Confusão entre as preposições de ablativo e de acusativo por analogia com *mecum*, *tecum* e *secum*; confira: pt. *conosco*, it. *nosco*;
- etc.

Há que se notar que muitas das várias formas nem sempre são confirmadas nos territórios onde se falava o latim, por isso mesmo se recorre muitas vezes ao método comparativo para o restabelecimento de palavras que desapareceram sem deixar vestígios escritos. De modo geral, somos obrigados a admitir formas hipotéticas, simbolizadas por um asterisco, não porque tenhamos dúvida de sua existência, mas porque não temos delas memória documental. Exemplo disso é o verbo que designa "trabalhar" nas línguas românicas do qual não possuímos uma forma documentada: *trabalhar* (port.), *travailler* (fr.), *trabajar* (esp.), *travagliare* (it.). Pelas transformações fonéticas peculiares a cada uma das línguas chegamos à forma hipotética *\*tripaliare* (*tres* + *pallium*), um instrumento de tortura, ideia que evoca a noção de trabalho. Outro exemplo é o verbo que designa a ideia de "chover". Através do português *chover*, do francês *pleuvoir*, do espanhol *llover* e do italiano *piovere*, chegamos ao latim *plovere*, o qual depois se viu que já estava documentada no *Satyricon* sob a forma *plovebat*.

## Referências

DIAZ y DIAZ, Manuel C. **Antologia del Latin Vulgar**. 2 ed. Madrid: Gredos, 1962.

GRANDGENT, C. H. **Introduccion al Latin Vulgar**. 2ª ed. en reproduccion fotografica. Traduccion del ingles, adicionada por el autor, corrigida y aumentada con notas, prologo y uma antologia por Francisco de B. Moll. Madrid: Revista de Filologia Española, 1952.

NASCENTES, Antenor. **Elementos de Filologia Românica**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.

NETO, Serafim da Silva. **Fontes do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

\_\_\_\_\_. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1977.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. **Lições de Filologia Portuguesa**. Lisboa: Dinalivro, s.d.

VÄÄNÄNEN, Veikko. **Introduccion al latín vulgar**. Versión española de Manuel Carrión. Madrid: Gredos, 1968.

Recebido em 31 de março de 2013.

Aceito em 15 de julho de 2013.